

FHC é contra candidatura prematura

Jefferson Rudy 22.8.98

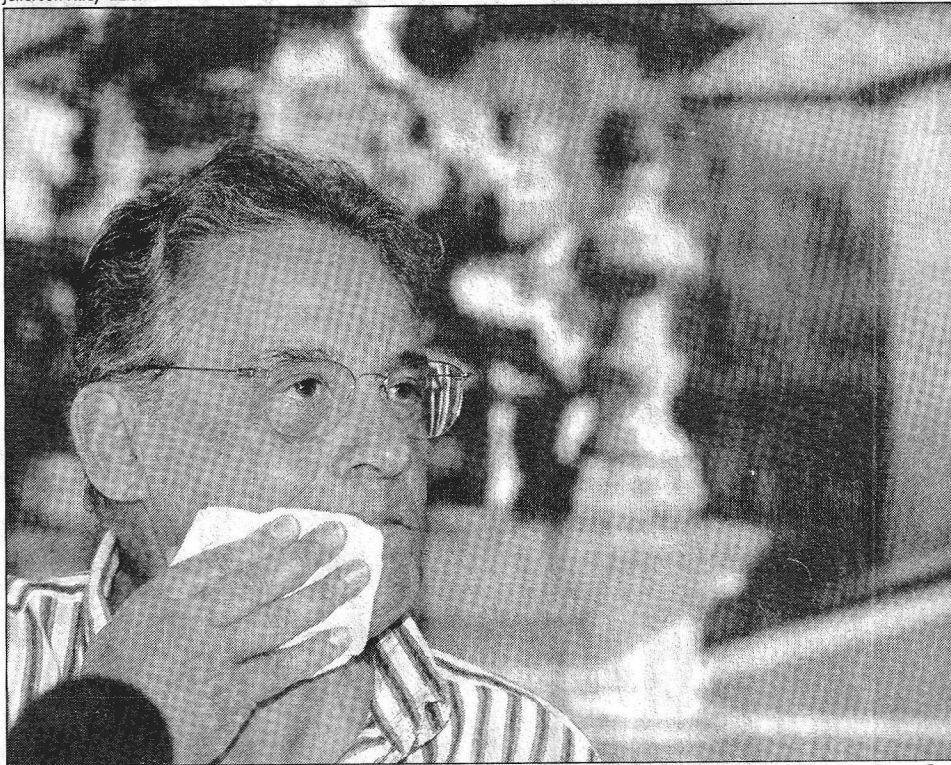
Da Agência Estado

O presidente Fernando Henrique Cardoso terá de segurar os aliados, na convenção do PSDB, no fim de semana, que reconduzirá à presidência do partido o senador Teotônio Vilela Filho (AL). Eles querem lançar o nome do governador de São Paulo, Mário Covas, à sucessão presidencial.

Na semana passada, o presidente havia afirmado que considera normal os partidos desejarem discutir sucessão, como o PFL estava fazendo naquele momento, ao lançar o nome do presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (BA). Mas avisou que era prematuro insistir nesta discussão agora. Antonio Carlos entendeu o recado e, no fim de semana, repetiu o discurso de Fernando Henrique, afirmando que não era o momento de antecipar o debate.

Há outra questão incomodando o presidente, mas que ele está "deixando de lado", para que os partidos se entendam: a nomeação dos líderes do governo no Senado e no Congresso. Fernando Henrique quer que o PSDB, que tem o direito a indicar o líder na Câmara, e o PMDB, que indicará o líder no Senado, decidam quem nomear. Embora esteja, no momento, deixando a questão com os partidos, a escolha, de fato, será feita pelo presidente.

Passados os principais problemas econômicos, Fernando Henrique



FHC: sinal verde para PSDB assumir contraponto na relação com aliados incômodos

decidiu retomar o controle da política do país. Na semana passada, comandou as negociações e, esta semana, animado com o resultado da viagem aos Estados Unidos, o presidente continuará a resolver os problemas domésticos. Ao evitar falar de CPI e de questões internas nos Estados Unidos, o presidente atendeu Antonio Carlos, que havia se queixado da "incontinência verbal" de Fernando Henrique, durante a viagem anterior à Europa.

Ao mesmo tempo, e contrariando o desejo de alguns tucanos, o PSDB evitará, durante a convenção do fim de semana, lançar a candidatura do governador de São Paulo para a sucessão presidencial. "É natural que, nessa convenção, acabem surgindo algumas especulações, encabeçadas pelo Mário Covas", avaliou o ministro das Comunicações e coordenador político do governo, Pimenta da Veiga. "Mas o PSDB tratará fortemente do assunto no período opor-

tuno, que é no início de 2002."

No encontro, o PSDB quer também iniciar uma nova fase, com o objetivo ser um contraponto na relação do governo com o PMDB e o PFL, aliados que vêm incomodando o Palácio do Planalto. O sinal verde para assumir essa nova postura foi dado ontem por Fernando Henrique Cardoso, depois de um almoço no Palácio da Alvorada com o ex-governador de Minas Gerais Eduardo Azeredo (PSDB) e com Veiga.

"As bases do PSDB têm assumido esse sacrifício para colaborar com a permanência da aliança", avaliou Azeredo, referindo-se à própria derrota para o peemedebista Itamar Franco. "Mas, daqui para frente, o PSDB passará a ter uma posição mais influente, o que tem a concordância do presidente."

A opinião de Azeredo é hoje um consenso no PSDB. A nova linha de independência dos tucanos tem sido dada por Covas. Para Veiga, essa postura de afirmação apregoada por Covas é positiva, uma vez que permitirá o equilíbrio na base. "Isso ajuda a fortalecer o PSDB e o go-

verno", avalia Veiga. "O partido viveu uma transição e, agora, está reencontrando-se com grande força." A reviravolta tucana é uma resposta ao desgaste que o PSDB vêm sofrendo, imposto principalmente pelo PMDB e PFL.

INDEPENDENTE

A onda de ressentimento no ninho tucano é grande. O próprio Fernando Henrique não digeriu até hoje as Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs) do Sistema Financeiro e do Judiciário criadas pelos senadores aliados Jader Barbalho (PMDB-PA), presidente nacional do partido e líder da legenda no Senado, e Antonio Carlos Magalhães. Foi por isso que ele deu o sinal verde para os caciques do PSDB, com o objetivo de iniciar esta afirmação.

"O PSDB precisa construir, a partir de agora, o seu caminho", avisou o líder do partido na Câmara, Aécio Neves (MG). "Essa postura mais afirmativa vai servir para equilibrar as pressões e posições dentro do governo de outros setores.". Mesmo assim, há quem defenda mais cautela para evitar um rompimento da base. "O projeto político nesse segundo governo é independente entre todos os partidos que integram a base, até porque não existe mais um ponto de coesão para o futuro", analisou o senador Paulo Hartung (PSDB-ES). "Mas é preciso ter um maior amadurecimento nas relações entre os aliados, para evitar crises por causa de pequenas provocações", completou.